

**Discurso lido em mesa sobre o feminismo durante 1º Encontro Feminismos em Goiás:
Fazer e Saber, março de 2006**

EXPERIMENTANDO O FEMINISMO

Joana Plaza Pinto

Educadora feminista, colaboradora do Grupo Transas do Corpo e professora da Faculdade de Letras da UFG

Boa noite!

O tema desta mesa é “tendências do feminismo”.

Ao preparar esta fala, fiquei me perguntando o que seriam tendências? O que há no feminismo que possa dividi-lo em partes, em pedaços, em capítulos, em episódios, que tendem para alguma coisa. Que coisa seria essa?

Dividir e nomear suas tendências: esse é um ato de classificação.

Eu classifico, você classifica, nós classificamos.

Se vamos então falar de tendências, portanto de certos padrões de classificação, eu vou começar contando para vocês aqui presentes algumas das classificações que me apontam.

Algumas de nós feministas aqui presentes diriam que eu sou uma feminista acadêmica, enfiada na universidade, em meio a livros e teorias.

Algumas de nós, por isso, diriam também que eu sou uma feminista teórica, preocupada com abstrações, operações intelectuais distantes da realidade das mulheres.

Outras ainda diriam, talvez muito apressadamente, que eu sou uma feminista jovem, com idéias avançadas, brigando por seu espaço no feminismo.

Algumas mais informadas diriam que sou uma feminista de ONG, embrenhada na institucionalização do movimento feminista e vítima das financiadoras estrangeiras.

Algumas talvez ainda dissessem que eu sou uma “feminista tipo B”, porque não concordo com tudo que escuto dizer ser feminista, e também me divirto com outras coisas e outras idéias que não se dizem feministas.

Essas opções de classificação são elas mesmas uma amostra das questões de “tendências” que hoje marcam o feminismo.

Para continuar minha empreitada de entender o que são tendências, eu poderia usar aqui termos comuns e conhecidos do feminismo e explicá-los um a um: feministas marxistas, feministas liberais, feministas psicanalistas, feministas radicais, feministas pós-estruturalistas (e eu me pergunto aqui se um dia existiram as feministas estruturalistas), também as anarco-feministas, as transfeministas etc etc etc. Com essas expressões e algumas outras que nos lembrássemos agora, eu poderia então classificar, colocar em “caixinhas” cada uma de nós aqui presentes, e outras tantas que conhecemos.

Rapidamente, alguém poderia me dizer que essas expressões não são apenas isso e servem não para nos separar em caixinha, mas antes para nos localizar no processo histórico que organizou certas mulheres em certos grupos.

Eu poderia então contar aqui a história de tantas formas de como algumas mulheres, a partir de certas idéias de certos homens – o marxismo, o liberalismo, a psicanálise, o pós-estruturalismo, o anarquismo, e outras mais – se organizaram para buscar uma outra posição para as mulheres em nossa sociedade ocidental – “a questão da mulher” foi a expressão muito usada para apontar para isso.

Eu poderia, para contar essa história, me basear em eventos conhecidos, em autoras conhecidas, em mudanças e acordos políticos conhecidos.

Eu poderia fazer disso um épico de como as mulheres que se dizem feministas têm buscado entender e desfazer tantos e tantos impasses e tensões nas nossas relações com os homens.

Eu poderia. Mas não vou.

Não vou e não pretendo me justificar longamente. A minha única justificativa é que, enquanto pensava em como falar sobre as tendências do feminismo, tive uma lembrança de que feminista eu sou e porque. Essa lembrança, que me veio muito fortemente ontem, no mesmo dia em que o Grupo Transas do Corpo completou 19 anos, é o que eu quero aqui contar.

Uma frase é tudo o que resume minha lembrança: eu me tornei feminista por causa do meu corpo.

Que corpo? Essa massa de carne, sangue e ossos que se movimenta e emite sons diante de vocês?

Essas partes genitais que se sobressaem, que produzem fluidos e hormônios, que “todo mês sangra”?

Aquele corpo que pode reproduzir gente, amamentar e “perpetuar a espécie”?

A natureza nos capturou e nos fez refém? A ela devemos nossa opressão e nossa história trágica, por isso a ela voltamos para nos explicar e nos transformar?

Só é possível explicar a experiência do corpo apelando para a natureza?

Sim, eu me tornei feminista por causa do meu corpo. Mas quando isso aconteceu foi a primeira vez na minha vida que a natureza não explicava o meu corpo de mulher.

Foi a primeira que o meu corpo se viu, não diante da carne, nem da genitália, nem dos hormônios, nem da reprodução, mas diante do poder.

Poder, ah esse tal de poder! O que será isso? Poder para dar e tirar? Poder que eu posso eu mesma lutar e conquistar? Espaços de poder. Poder para as mulheres. Empoderamento.

O poder que eu vi, diante do meu corpo, não tinha lugar, não tinha rosto, não tinha como ser conquistado. O que o meu corpo pode fazer: imputação, permissão, possibilidade. É a regulação. Mas essa não é a regulação da carne, mas a regulação do ato – regulação violenta, autoritária, legalizada, repetida, repetível. E eu tive muito medo quando eu percebi que ela não tinha uma face, que eu não poderia culpar alguém, ou um grupo que fosse. A regulação do corpo já estava também em mim mesma. Em mim, sim, senhora, mas em tantos ecos, ecos que eu podia ouvir em vozes reconhecíveis, ecos que eu não sabia de onde vinham. Esse som ecoado pode ser realmente assustador. Eu poderia ter me sentido muito perdida.

Mas, no mesmo momento em que eu me permitia ver e ouvir esse tal de poder, meu corpo se viu também diante de outras mulheres. Saibam disso: minha experiência de feminismo passa por uma certa irmandade com as mulheres, uma sororidade, essa palavra hoje tão démodé. Foram algumas mulheres que me ouviram, que me acolheram, que me perguntaram, que me desafiaram. Foram algumas mulheres que acompanharam o meu olhar sobre meu próprio corpo, enquanto eu também acompanhei os delas.

Me lembro de estar com outras mulheres para construir a famosa “árvore do gênero”, que me ajudou a entender que aquela regulação não tinha face porque vinha de todos os lados: das tantas instituições, da família, da religião, da escola, da ciência, da mídia, do estado, até da gramática normativa.

Me lembro também de estar com outras mulheres para construir a linha da vida. Na primeira vez eu fiquei muda, e só quis chorar. Tantas mulheres, tão generosas naquele momento, segredando comigo as dúvidas e os desafios enfrentados nos seus corpos. Me lembro de sair tão arrasada e tão feliz: que linha minha vida poderia ter dali pra frente?

Para mim, dali pra frente foi um feminismo emancipatório, que evitou caixinhas e classificações. Foi um feminismo que apontou olhar crítico sobre as tendências, desde as mais famosas às mais incipientes. Ambiciosamente, foi um feminismo que se propôs uma política da amizade, mais do que uma política do empoderamento. Um feminismo que propôs mais a dúvidas que a certezas. Um feminismo que perguntava mais do que respondia, para que, se houvesse respostas, que elas pudessem ser cada vez mais coletivas, mais dialogadas, mais aprofundadas.

Foram tantas oportunidades de estar com mulheres para dialogar realmente juntas! Oportunidades tensas e leves; oportunidades produtivas e paralizantes; oportunidades contraditórias sem dúvida, mas todas oportunidades carregadas da politização do corpo – da discussão sobre as relações de poder que regulam nossos corpos.

E essa politização tinha um sentido prático muito importante: ela apontava as desigualdades, tantas desigualdades. Não só aquelas entre homens e mulheres, mas as desigualdades entre as mulheres e as desigualdades entre os homens. Desigualdades dos corpos: tensões e impasses regulam os corpos, os atos de corpo permitidos, imputados e possibilitados.

Na prática, essas desigualdades eram indesejadas porque eram limitantes, porque como toda desigualdade garante privilégios para alguns, retira permissões de outras. E nós nos reunimos também para propor à sociedade outras formas de viver que não fossem tão desiguais. Algumas propostas podem virar legislação garantida pelo estado – como a proposta do direito de ter ou não ter filhos, e, se tivermos, de tê-los quando e como quisermos. Algumas propostas não podem ser garantidas por leis, são mais sutis, mais difíceis até de explicar, e demorarão sem dúvida muito tempo para que serem efetivadas – como a proposta de que as mulheres possam ser o que elas quiserem, e principalmente que possam sê-lo autonomamente. Isso será um sonho para quando?

O que isso tudo tem a ver com tendências do feminismo?

Tudo e nada. Nada porque é apenas o resumo da minha entrada, num certo espaço, que recebia o nome de grupo feminista. Tudo porque o pessoal é político, e essa é uma história comum a muitas mulheres. Algumas de nós podem ter um nome para reunir as características que descrevi muito rapidamente, assim eu ficaria quietinha dentro da caixinha que me propusessem. Mas não é ao que me proponho. Não vejo razão para me classificar.

Quero deixar aqui registrado esse feminismo que eu conheço: uma politização do corpo se encontrou com uma metodologia, se encontrou com uma forma de estar no mundo. Classifiquem como quiserem.